

# LINGUAGEM E COGNIÇÃO: AS METÁFORAS DA ECONOMIA NO DISCURSO CIENTÍFICO

Elenice Alves da Costa <sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo tem por finalidade discutir como as metáforas da Economia se projetam no discurso acadêmico por meio de mapeamentos cognitivos de unidades terminológicas polissêmicas empregadas nessa esfera discursiva. A Linguística Cognitiva tem avançado em discussões sobre como a metáfora revela sua compreensão em diversos domínios do conhecimento humano. Em nossa dissertação de mestrado, estudamos como se processam os termos metafóricos da Economia na linguagem jornalística. No doutoramento (em sua fase final), perscrutamos os domínios-fonte dos termos dessa área de conhecimento utilizados pelos economistas em gêneros textuais acadêmicos, tais como artigos científicos, dissertações de mestrado e teses de doutoramento (USP e Unicamp), que nem sempre coincidem com os termos empregados pelo jornalismo econômico. Notamos, por exemplo, a forte inclinação desses vocábulos especializados de se projetarem em domínios-fonte relacionados à Biologia e à Física. Em tempos de pandemia da Covid-19, “frames” da guerra e do cenário da Medicina revelam como na atualidade essas analogias são mapeadas, confundindo-se, não raramente, o sentido literal com o metafórico, ao se personificar o “coronavírus”, por exemplo, como um inimigo da saúde e da economia em diversos níveis de discurso.

**Palavras-chave:** Metáfora, Cognição, Economia, Linguagem, Ciência.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho justifica-se devido ao fato de a linguagem da Economia apresentar em suas denominações metafóricas um conjunto sistemático de mapeamentos cognitivos que possibilitam a apreensão de seus conceitos “complexos” junto às analogias que se referem a algo já conhecido em nosso cotidiano.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do curso de Letras - DLCV (Filologia e Língua Portuguesa) da Universidade de São Paulo, elenicecosta@usp.br

As metáforas que fazem parte do método científico, facilitam novas descobertas ou mesmo o desenvolvimento teórico, uma vez que elas catalisam o pensamento humano, cumprindo desta forma uma função heurística. Para além dessa capacidade, as metáforas da Economia também desempenham um papel didático, quando destinadas a um público em vias de especialização (alunos de graduação e de pós-graduação em Economia, por exemplo). Para o Professor Dr. Ladislau Dowbor da PUC de São Paulo, em entrevista concedida para nós em 22 de maio de 2019, as metáforas da Economia apresentam essa função didática, pois elas fornecem “imagens mentais” que facilitam a visualização de um conceito mais complexo.

## **METODOLOGIA**

Com o objetivo de revelar de que forma essas metáforas cumprem esses papéis, foi necessário adotar uma abordagem teórico-metodológica que mapeasse os aspectos cognitivos dessas unidades semânticas extraídas de *corpora* científicos, conforme já mencionamos no resumo deste trabalho. O modelo teórico para agrupamento dos termos metafóricos foi o da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), uma vez que a TMC facilita o mapeamento cognitivo de metáforas sob o aspecto conceitual, destacando-se nos *corpora* científicos domínios-fonte relacionados à Física e à Biologia.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O referencial teórico adotado para esta pesquisa remete-se quase em sua integralidade à obra *Metaphors We Live By*, de George Lakoff e Mark Johnson (2002 [1980]), uma vez que ela é base para a compreensão de modelos cognitivos idealizados, responsáveis por gerarem nossas estruturas de organização do conhecimento. Essa abordagem tem possibilitado pesquisas em torno da metáfora provavelmente nunca antes imaginadas, a saber, a própria possibilidade de se acreditar que esse recurso semântico extrapola questões de estilo e de ornamentação da linguagem, ocorrendo, inclusive, com mais frequência na escrita acadêmica (BERBER SARDINHA, 2015, p. 21).

No bojo dessas discussões teóricas, surge uma nova visão sobre a importância do papel da polissemia e da metáfora em Terminologia no final do século XX até os dias atuais, quando esses pressupostos teóricos e metodológicos são colocados à prova, passando por revisões entre os estudiosos da Terminologia, tais como a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) e a Socioterminologia.

Nesse prisma da Socioterminologia, a polissemia passa a ser prevista, aceita e estudada em estudos terminológicos, despertando o surgimento de trabalhos a respeito da função da metáfora dos textos provenientes de discursos especializados, a exemplo de Rita Temmerman (2000), que em suas análises e reflexões voltadas para uma Teoria Sociocognitiva da Terminologia incluiu os estudos metafóricos.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os termos metafóricos prospectados em nosso *corpus* de estudo revelam que em Economia os conceitos projetados do domínio-fonte para o domínio-alvo referentes à Biologia compreendem mais especificamente o “organismo” e o “corpo” humanos. Essa compreensão é recorrente, pois, dessa forma, podemos nos referir aos processos econômicos e identificá-los em termos de “corpo” físico que pode ser saudável ou doente. Nesse sentido, estamos diante de metáforas ontológicas, que são projetadas a fim de que possamos compreender o que vem a ser uma economia que não funciona satisfatoriamente em termos de doença. Alves (2016) e Silva (2013) analisam algumas dessas analogias em seus trabalhos. De acordo com Alves (2016, p. 49), esse diálogo ocorre constantemente entre a Medicina e a Economia, uma vez que essas duas ciências são muito presentes na vida dos cidadãos.

Para Silva (2013, p. 293), as metáforas da Economia, ao estabelecerem analogias com o corpo humano sob o enfoque da saúde e da doença, organizam uma rede de conceitos que implicam no conhecimento não somente de seu funcionamento como também na complexidade dos sistemas financeiros e econômicos, levando em consideração sua vulnerabilidade ao apresentarem mapeamentos cognitivos oriundos da “doença”.

Nos momentos em que a Economia está em uma situação desfavorável, as metáforas revelam a compreensão de que ECONOMIA É DOENÇA. Essa conceituação é a segunda mais produtiva dos termos estudados em nosso *corpus*, correspondendo a 13% dos termos. O domínio mais frequente é o relacionado à “crise”, seguido de “colapso”. Para Alves (2016, p. 54), a origem desse vocábulo aponta para a situação em que existe um momento decisivo da doença, isto é, quando esse conceito da ECONOMIA É CRISE é licenciado por unidades lexicais a exemplo de *crise econômica*, ao significar que está havendo um desequilíbrio entre produção e consumo.

Uma economia “doente” pode, desta maneira, entrar em “crise” e até mesmo “colapsar”, por isso, a designação de termos como *crise econômica*, *crise financeira*, *crise cambial*, *crise de liquidez*, *crise bancária* e *crise da dívida externa*, entre outras. No momento em que o conceito de crise ultrapassa seus limites de “piora”, entram em cena termos como *colapso do mercado de hipotecas*, *colapso financeiro*, ou simplesmente, *colapso*.

No tocante às doenças psicológicas, localizamos metáforas em nosso *corpus* de estudo relacionadas a “pânico” ou mesmo a “estresse”. Essas metáforas revelam também um forte apelo “emocional”, situações em que uma situação de desespero está instaurada. O termo *pânico financeiro* demonstra esse tipo de conceituação em Economia, conforme veremos a seguir:

Ademais, a intermediação dos fluxos de capitais pelos bancos resulta inevitavelmente num boom nos preços dos ativos de oferta inelástica, o qual seria seguido por um crash na ocorrência de um <pânico financeiro> (na medida em que os bancos teriam que liquidar esses ativos para fazer frente aos resgates dos depositantes ou à fuga dos credores externos), agravando os efeitos deletérios da crise bancária. (PRATES, D. M. *A literatura convencional sobre as crises financeiras nos países “emergentes”: os modelos desenvolvidos nos anos 90*, 2005).

Conforme Silva (2013, p. 310), além da sua função explicativa e emotiva, essas metáforas da doença desempenham uma importante função ideológica, servindo para atribuir o agravo a causas externas, enrustindo as verdadeiras origens dos problemas econômicos e financeiros, ao dissimularem as responsabilidades dos agentes econômicos

e políticos que atuam de forma controvertida e muitas vezes desumana no cenário econômico e financeiro de mercado livre.

Além das metáforas apontadas acima, há um outro conceito metafórico que se sobressai neste *corpus*, que é o domínio da ECONOMIA É GUERRA. Essa compreensão da Economia em termos de belicosidade ocasiona o licenciamento de uma série de termos, tais como *ataque especulativo*, *ativos defensivos*, *ativos estratégicos*, *guerra comercial*, *guerra fiscal*, *guerra das moedas* e *guerra de preços*. Essas unidades metafóricas permitem compreender o conceito de cada uma dessas lexicalizações em Economia a partir da experiência concreta da guerra.

Para que possamos apreender o significado de cada uma dessas lexicalizações, é necessário pontuar que os processos de disputa existentes no mundo corporativo são altamente competitivos. Prova disso é o fato de que muitos administradores de empresa e economistas terem lido em seu processo de formação a obra *A arte da guerra*, escrito por Sun Tzu no século IV a.C., com o intuito de se inspirarem em táticas de estratégia militares para o mundo dos negócios, o que demonstra claramente o alcance desse conceito nos domínios metafóricos da Economia, possibilitando-nos até mesmo a afirmar que em situações como essa o literal aproxima-se do metafórico.

No *frame* da “guerra”, ocorrem também lexicalizações metafóricas relacionadas a “ataques”, a exemplo do termo *ataque especulativo*, que designa um tipo de investidura contra a moeda local de um país. Dos vários termos cunhados a partir do domínio da *guerra*, podemos ressaltar, por exemplo, *guerra fiscal*, que conceitua uma concorrência desencadeada pelo interesse de cada Estado brasileiro em oferecer algum tipo de vantagem fiscal para atrair investimentos externos.

Essas projeções realizadas metaforicamente do domínio-fonte da “guerra” para o domínio-alvo da Economia, conferem também aos termos força expressiva e apelativa, combinando uma explicação facilmente compreendida com fortes efeitos emocionais. Abaixo, um desses exemplos:

- guerra fiscal

Na década de 1990 muitas unidades da Federação concederam isenções tributárias para atrair investimentos. No ambiente competitivo da economia



brasileira após 1997, a pesquisa comparativa avalia o impacto da guerra fiscal nas receitas do ICMS, na geração de postos de trabalho na indústria e no PIB por setor, comparando-se o Estado de São Paulo com outros Estados da Federação. Foram utilizados dois modelos econométricos, um que compara alterações nas variáveis entre os Estados e entre os períodos, antes e após a <guerra fiscal>, e o outro, que capta mudanças na taxa de crescimento das variáveis entre os períodos. As estimativas mostram que os Estados avaliados, individualmente ou em conjunto, apresentam alterações significativas na taxa de crescimento do PIB industrial, em comparação ao Estado paulista, depois da intensificação da guerra fiscal. Os mesmos resultados parecem não valer para a geração de empregos na indústria e para as receitas do ICMS. (NASCIMENTO, S. P. do. *Guerra fiscal: uma avaliação comparativa entre alguns estados participantes*, 2008)

As projeções das metáforas bélicas da Economia e da Medicina com a pandemia do novo coronavírus têm se intensificado devido ao fato de uma forte crise econômica ter surgido neste cenário global. No serviço de busca de informações do *Google* do dia 21 de julho de 2020, foram encontrados, por exemplo, mais de 47.100.000 registros para “guerra ao coronavírus”. Nos discursos jornalísticos, o uso dessa expressão é bastante recorrente, ocasionando uma banalização dessas metáforas. Somente no *media* impressos, do dia 23 de julho de 2020, no jornal *Folha de S. Paulo* foram localizados 4.680.000 resultados, 4.040.000 em *O Estado de S. Paulo*, 4.910.000 em *O Globo* e nas revistas *Carta Capital* 3.270.000 e *Veja* 9.830.000.

A vulgarização das metáforas bélicas ocorre devido ao fato de o domínio da doença em nossa cultura ser compreendida como guerra. Por isso, fala-se em “combate ao novo coronavírus”. Por sua vez, o vocábulo “defesa” também é utilizado quando se pensa, por exemplo, em medicamentos ou vacinas para tratar ou prevenir essa doença. Nesse “frame”, conforme comentário realizado pela Professora-Doutora Solange Coelho Vereza em conferência transmitida pela Abralin em 19 de julho de 2020, entram em cena termos como “hospitais de campanha”, cujo conceito é advindo da própria organização da guerra no combate à Covid-19 e “comando geral da pandemia”, que aliás no quadro político brasileiro, não sabemos de fato quem assume esse posto de comando, uma vez que o presidente da República do Brasil tem negado as medidas sanitárias preconizadas pela OMS, e, em pouco tempo de pandemia, demitiu um ministro da saúde; na sequência, nomeou uma outra autoridade para este gabinete, que em menos de um mês entrou com

pedido demissão, apresentando como atual ministro da saúde (interino) um militar, que não é médico.

A nomeação de um militar para assumir tal cargo na área sanitária pode também demonstrar o quanto o literal e o metafórico avizinham-se em uma situação como essa. Nesse sentido, outro fato interessante que ocorre em relação aos discursos produzidos, sobre a forma de se compreender a pandemia, é o fato de que alguns políticos, não somente brasileiros, acusarem o coronavírus de fazer parte de uma guerra biológica, implicando em uma concepção da realidade que vai além do metafórico, alcançando o literal, porquanto a Covid-19 é usado como arma entre nações na disputa global de poder e de ganância.

Para Vereza (2020), o coronavírus dialoga com o sentido conotativo, porque ele é personificado em imagens visuais nas quais este vírus aparece normalmente com uma face de malvado e de sádico, com olhos raivosos e chifres, representado principalmente pelos “memes” que têm circulado na mídia (conforme a primeira imagem da segunda coluna a seguir, em que o Coronavírus pronuncia em inglês que inimigos não podem dar as mãos em um gesto de trégua, implicitamente ameaçando-lhes de contaminação caso façam isso). Pelo recorte teórico da Semântica Cognitiva, mais especificamente da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), existe uma personificação do coronavírus em termos de guerra, o que o caracteriza, portanto como uma metáfora ontológica.

Figura 1 – Personificação do Coronavírus





1º CONEIL

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100

Congresso Nacional em  
Estudos Interdisciplinares  
da Linguagem



Fonte: <https://scroll.in/article/955205/stand-with-corona-beer-covid-19-fears-spark-memes-songs-and-wacky-videos>

De acordo com Vereza (2020), parece haver disputas semânticas na narrativa do “frame” da guerra, inclusive de uma guerra medieval, revelando um aspecto didático dessa discursividade quando infectologistas usam metáforas bélicas, tais como “luta”, “combate ao vírus”, ao compararem nosso sistema imunológico com um exército de soldados protetores. As metáforas sistemáticas, em tempos da Covid-19, relativas a esse mapeamento semântico belicista são propiciadoras de um engajamento do conceito da guerra na Medicina e também na Economia. O belicismo trata-se, portanto, de um domínio popular nas narrativas em que há disputas de significação.

No *post*, “Economia de guerra: por que estamos falando disso?” publicado pelo servidor eletrônico *Politize* (acesso em 19 jul. 2020), explica-se que a gravidade desta pandemia tem levado líderes mundiais e economistas de todas as partes do mundo a caracterizarem as ações de contenção da doença como “esforços de guerra” ou aplicação da “economia de guerra”, que se refere a um conjunto de práticas econômicas aplicadas com o objetivo de estabilizar a economia de um país durante um período histórico peculiar, como uma batalha. Uma dessas práticas é a expansão dos gastos públicos, pois para que se consiga lidar com uma guerra o governo deve, por exemplo, financiar o aparato militar e destinar recursos para proteger o território de um país para garantir o bem-estar e a integridade da população. Pelo fato de haver uma intensa

demanda por investimentos em saúde pública e por ajustes econômicos urgentes, líderes de inúmeros países têm encarado esta conjuntura atual como um momento de conflito bélico.

Assim, a chamada “economia de guerra” tem sido adotada em várias partes do mundo. O governo britânico, por exemplo, foi responsável por mais de 60% de todos os gastos feitos entre os anos de 1941 e 1944 no Reino Unido. Antes do início da Segunda Guerra Mundial, essa participação era de apenas 17,4%. Em tom semelhante, só o pacote de 350 bilhões de euros destinados a auxiliar os empresários britânicos durante a pandemia da Covid-19, corresponde a 15% de todo o PIB do Reino Unido. Isso indica com clareza que os gastos do governo britânico com a contenção dessa doença têm sido empregados em volume significativo, assim como ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O raciocínio metafórico possibilita a apreensão do conhecimento complexo de uma forma ágil e flexível, facilitando a compreensão de um conceito, ao fornecer pelas analogias estabelecidas, um suporte imaginativo de algo já conhecido, esclarecendo e facilitando a visualização de conceitos abstratos. Portanto, é notável, que as metáforas da guerra pertençam a um domínio bastante recorrente nas comparações relacionadas a situações de disputa e de combate, demonstrando que as áreas da saúde e da economia estão em um processo de mesclagem tão inequívoco que podem dar a impressão de que ocorre a literalização de suas concepções apresentadas metaforicamente. Isso tem sido demonstrado pelas metáforas sistemáticas da Covid-19 utilizadas, por exemplo, pelo chanceler da União Europeia e pelo presidente do Banco Central do Brasil, ao compararem a economia a um paciente que está em coma induzido nesses tempos de crise, no cenário, em que gastos durante períodos de guerra são aplicados na saúde e na economia.

Por último, é possível afirmar que há uma projeção de domínios que se inter cruzam no licenciamento de metáforas no panorama do novo coronavírus

relacionados à conjuntura econômica e à sanitária mapeados pelo campo cognitivo bélico. No dia 23 de julho de 2020, um artigo intitulado *A economia chega ao pronto socorro: uma crônica de economistas como médicos* escrito por especialistas, dentre os quais professores universitários de grandes instituições brasileiras, como o Professor Dr. Luiz Gonzaga Belluzzo, revela que iniciativas como a PEC do Orçamento de Guerra são muito lentas para o tratamento da Economia no contexto da Covid-19: “O serviço de pronto socorro da economia é de uma lentidão tenebrosa. Dependem deste atendimento milhões de vidas: as humanas, as que mais importam, e as pessoas jurídicas, que só existem, pasme-se, por causa das humanas.”

## REFERÊNCIAS

ALVES, I. M. As denominações da crise econômica mundial no entrecruzamento da Economia e da Medicina. *Filologia e língua portuguesa*. São Paulo, v. 18, n. 1, p. 43-67, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v18i1p43-67>. Acesso em: 04 jul. 2017.

BERBER SARDINHA, T. “Register Variation and Metaphor Use: A Multi-dimensional Perspective”. In: *Metaphor in Specialist Discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2015.

BOLLE, M. et al. A economia chega ao pronto socorro: uma crônica de economistas como médicos. Folha de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/05/a-economia-chega-ao-pronto-socorro-uma-cronica-de-economistas-como-medicos.shtml>. Acesso em: 23 jul. 2020.

CREMA, G. L. Economia de guerra: por que estamos falando disso? Politize! 17-04-2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/economia-de-guerra-e-coronavirus/>. Acesso em: 23 jul. 2020.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. Mara Sophia Zanotto. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002. Título original em inglês: *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

SILVA, A. S. O que sabemos sobre a crise econômica pela metáfora. *Conceptualizações metafóricas da crise pela imprensa brasileira. Revista Media & Jornalismo*. Braga, v. 22, n. 1, p. 11-34, 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/290779369>. Acesso em: 23 ago. 2017.

TEMMERMAN, R. *Towards New Ways of Terminology Description: The Sociocognitive Approach*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 2000.

VEREZA, S. C. **Tendências contemporâneas dos estudos da metáfora**. Canal da Abralin ao Vivo no Youtube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V4maEMXX0gE>. Acesso em: 19 jul. 2020.

